

BRINCADEIRAS AGRESSIVAS. REFLEXÕES ACERCA DAS REPRESENTAÇÕES LÚDICAS DE VIOLÊNCIA NA INFÂNCIA

Bianca Rocha Gutterres¹ e Francisco Jardel Paim de Freitas²

RESUMO - Este artigo apresenta uma análise das produções de diversos autores acerca da forma como a violência cotidiana toca as crianças pequenas e dos modos que elas elegem para externar suas aflições através das representações lúdicas de violência como consequência dessa relação. Os posicionamentos antinômicos dos autores sugerem aos cuidadores e professores dessas crianças, uma aproximação consistente às produções acerca da temática da violência no cotidiano infantil, buscando uma maior segurança em suas intervenções junto às crianças pequenas, com o objetivo de protegê-las e ao mesmo tempo não inibi-las em seu protagonismo de si mesmas.

Palavras-chave: Violência. Infância. Brincadeiras.

ABSTRACT - This article presents an analysis of the productions of several authors about how daily violence plays as small children and the ways that they are able to express their afflictions through the playful representations of violence as a consequence of this relationship. The authors' antinomic positions suggest to the caregivers and teachers of the children a consistent approach in the productions on the issue of violence, not children's everyday, seeking a greater safety in their interventions with the young children, with the aim of protecting them and the same time do not inhibit them in their protagonism of themselves.

Keywords: Violence. Childhood. Play.



Revista
Ciência e Conhecimento
Volume 12 – Nº 1 – 2018.



1. Curso de Educação Física –
Universidade Luterana do
Brasil – ULBRA.

2. Professor de Educação Física
na Educação Infantil da rede
pública do Município de Porto
Alegre.

E-mail para contato:
Bianca Rocha Gutterres
2biancag@gmail.com

Recebido em: Dez/2017.
Revisado em: Mar/2018.
Aceito em: Mai/2018

Área:
Desenvolvimento humano.

INTRODUÇÃO

Uma temática recorrente, que atinge grande parte da sociedade, uns com maior e outros com menor intensidade, mas que não faz distinção qualquer, que conseqüentemente acaba por tocar também as crianças pequenas, é a violência.

As representações simbólicas de ludicidade do imaginário infantil são muito ricas. Elas podem estar refletindo o cotidiano da criança, na família, na escola, na rua, ou o das mídias sociais.

Alguns autores que problematizam a relação da criança com a violência sugerem que, quando sistemática, essa relação pode trazer impactos nocivos ao seu comportamento e até a sua saúde. Os maus-tratos imputados à criança, tanto na família quanto na escola, trazem repercussões físicas e emocionais. (FERREIRA, 2011).

Por outro lado, há trabalhos que apontam que algumas brincadeiras de violência são necessárias para que a criança consiga compreender e administrar melhor a sua relação com a violência (JONES, 2004).

Neste sentido, uma análise das produções relacionadas à temática das representações lúdicas de violência através das brincadeiras pode colaborar nos modos dos fazeres docentes no cotidiano das escolas e também nas relações adotadas pelas famílias quando de suas intervenções junto às crianças.

DESENVOLVIMENTO

Todo tipo de informação referente à violência que chega até a criança a impacta e muitas vezes a brincadeira é o modo escolhida por ela para externar o que lhe aflige. É possível descobrir e aprender mais sobre uma criança quando a estamos observando brincar do que a entrevistando, por exemplo.

Durante as brincadeiras a criança exercita e externa alguns conceitos importantes que ela começa a se apropriar e internalizar. Gênero, poder, submissão, autoridade, amor, afetividade, respeito, são apenas alguns desses conceitos que a criança vivencia em seu cotidiano, seja na família, na escola, na rua ou através das mídias, e que ela tem a necessidade de investigar, compreender e assimilar em sua plenitude. Desse modo Barbosa, Martins e Mello (2017), afirmam que [...] quando as crianças brincam com a sua própria agressividade, talvez a utilizem como uma saída para lidar com sua própria realidade e/ou vivenciar um contexto de faz de conta. Assim, as brincadeiras, que são a principal ferramenta conhecida e utilizada pela

criança para estabelecer relações, passam a ter papel fundamental em seu modo de se fazer sujeito.

As representações de violência através das brincadeiras são comportamentos percebidos há muito tempo pelos adultos, na família e na escola. Tais representações sempre causam desconforto aos responsáveis por entenderem não ser “saudável” brincar de “lutinha”, de “arminha” ou espada. Geralmente, essas manifestações lúdicas são coibidas no contexto escolar, sob o argumento de que elas são prejudiciais às crianças, pois elas geram violência (CANDREVA et al., 2009).

As brincadeiras eleitas pela criança para externar relações de violência vivenciadas, sejam individuais, no pequeno ou no grande grupo, na presença ou não de adultos, na escola ou na família, e o modo como ela vai perceber a aceitação dessas brincadeiras por parte do outro, seja ele adulto ou em sua cultura de pares, isso pode fazê-la compreender quais serão seus limites e referências para comportamentos futuros. Se ela vai sentir satisfação ou não ao impor violência a outro colega, como o outro vai reagir a essa experiência, os limites comportamentais que lhe serão imputados ou uma resposta de violência a seu comportamento prévio de violência, por parte da família, por exemplo. Essas percepções irão balizar novas atitudes que poderão tornar sistemática a ocorrência de violência em sua cultura brincante. Para Ferreira (2011), a exposição sistemática à violência pode desencadear diversas patologias.

Por outro lado, o que parece violência para o adulto que está de fora de uma brincadeira, ou atento às ações das crianças, pode não ser violência para a criança.

Algumas representações de violência observadas nas mídias, sobretudo as brincadeiras de super-heróis, não são totalmente ruins. Segundo Miller (2012), tendo as crianças pequenas pouco poder sobre o mundo que as rodeia e, fingindo terem superpoderes, elas podem reduzir algumas de suas ansiedades temporariamente, e ainda que vivam em ambiente pacífico, as crianças pequenas que veem violência na televisão podem ser afetadas negativamente por ela, pois podem ter dificuldade para separar a fantasia da realidade.

Também a brincadeira simbólica bem orientada pode servir de ferramenta para trabalhar questões relacionadas à agressividade. Para Jones (2004), o uso de brincadeiras violentas sem excesso, que estão presentes em qualquer cultura, é importante para que as crianças saibam lidar de modo controlado com algo que, no fundo, às assusta.

A linha tênue que separa a brincadeira de violência da violência real, seja ela física ou apenas verbalizada, é uma das principais preocupações dos adultos responsáveis por essas crianças. Às vezes, uma relação de violência que inicia em forma de brincadeira acaba se

tornando real. Muitas atividades simbólicas, quando trazem euforia, podem mais facilmente levar a criança a exceder os limites da brincadeira, provocando uma reação igualmente violenta do seu parceiro de brincadeira. A atenção por parte dos adultos a estes modos de agir das crianças pequenas deve ser constante, tendo em vista que é nesse momento de brincadeira que “seus atos de linguagem são potentes e podem dar a ver as complexas relações sociais e culturais que sempre – desde o nascimento – estabeleceram com o entorno” (BARBOSA e RICHTER, 2010).

Algumas crianças ainda demonstram a necessidade latente de fazer contato físico com maior frequência. Abraços, beijos, mãos dadas, e às vezes até a brincadeira de luta, com seus pares e com o adulto referência (em quem elas confiam), indicam que o toque é algo importante no modo dessas crianças se constituírem sujeitos, pois para Barbosa, Martins e Mello (2017) [...] essas linguagens são próprias da infância, pois parece que as crianças necessitam brincar articulando a força, o contato físico, a agressividade, a transformação e a irracionalidade nas histórias criadas para compor suas brincadeiras.

Nas brincadeiras das crianças pequenas são comuns os conflitos por disputas de papéis dentro do enredo da atividade ou do jogo. Disputas por um brinquedo, conflitos gerados pela falta de aceitação do grupo ou pelo reconhecimento e valorização do amigo, são problemáticas que podem desencadear reações de violência nas brincadeiras.

“Eu não sou mais teu amigo!” é uma frase corriqueira nos diálogos entre as crianças pequenas, que denota a intensidade da insatisfação momentânea e imersa em um jogo de pertença ao grupo, que ao mesmo tempo indicam uma espécie de chantagem emocional sendo imputada por uma criança a outra, e por vezes até ao adulto referência.

“Foi ele quem começou!” é outro discurso usual entre as crianças pequenas para tentarem justificar um comportamento, sabidamente inadequado, este previamente convencionado como proibido.

Esses discursos e atitudes, que apresentam determinadas regularidades no cotidiano da instituição de educação infantil, se não bem administrados pelos professores, podem mais tarde ser reproduzidos pelas crianças durante suas representações lúdicas de violência. Nesse sentido, Barbosa, Martins e Mello (2017), apontam para a necessidade de se ter um olhar para a “rotina cultural” na escola que denota um conjunto de “[...] atividade recorrente e previsível, através da qual a cultura é gerada, adquirida, mantida e refinada” (CORSARO, 2011, p. 175 apud BARBOSA, MARTINS E MELLO, 2017, p. 165). Assim, o papel lúdico faz a criança sujeito nesse contexto.

O jogo de representação de poder e hierarquia, o exercício de aceitação e pertencimento ao grupo, a dúvida na reciprocidade de afetividade são inquietações recorrentes nas relações entre as crianças pequenas e também para com o adulto referência.

Essas questões, por vezes, precipitam conflitos que serão externados nas brincadeiras representativas de violência. As vivências íntimas de cada criança em seu contexto familiar, tais como situações de vulnerabilidade, negligência, abusos, testemunho de discussões, drogadição, tráfico ou mesmos agressões físicas entre familiares ou para com a própria criança, podem vir à tona nas representações lúdicas de violência durante as brincadeiras. Brougère (2008), aponta que [...] a brincadeira é, também, confrontação com a violência do mundo, é um encontro com essa violência em nível simbólico [...], aparece como um meio de escapar da vida limitada da criança, [...].

CONCLUSÃO

Assim, não se faz clara a intencionalidade da criança. Estaria ela, enquanto sujeito deste contexto, externando uma série de conflitos, representando o mundo real ou apenas buscando modos, lúdicos e representativos, de entender e estar no mundo, para algumas delas, tão violento?

[...] brincar tem muitas outras funções – uma delas é permitir às crianças que finjam ser o que sabem que nunca serão. Explorar o que é impossível, perigoso demais ou proibido, para elas, em um contexto controlado e seguro, é uma ferramenta importante para que aceitem os limites da realidade (JONES, 2004, p. 12).

Por fim, essas concepções antinômicas percebidas na abordagem da temática da representação lúdica de violência nas brincadeiras das crianças pequenas, por diversos autores, suscita mais aprofundamento teórico, reflexões e investigações acerca do assunto, pois sendo uma problemática presente no cotidiano das crianças pequenas, os adultos que às cuidam e orientam, precisam estar seguros em suas intervenções.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M.C.; RICHTER, S. Os bebês interrogam o currículo: As múltiplas linguagens na creche. **Educação**, Santa Maria, v. 35, n.1, p. 85-96, 2010.
- BARBOSA, R.F.M.; MARTINS, R.L.D.R.; MELLO, A.S. Brincadeiras lúdico-agressivas: Tensões e possibilidades no cotidiano da educação infantil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 159-170, 2017.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- CANDREVA, T. et al. A agressividade na educação infantil: O jogo como forma de intervenção. **Pensar a Prática**, Goiás, v. 12, n. 1, p. 1-11, 2009.

CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FERREIRA, Maria H.M. A criança e a violência na família. *Pátio – Educação Infantil*. Porto Alegre, n. 29, p. 42-44, 2011.

JONES, Gerard. **Brincando de matar monstros**. 1.ed. São Paulo: Conrad, 2004.

MILLER, Karen. Violência na televisão. *Pátio – Educação Infantil*, Porto Alegre, n. 31, p. 46-48, 2012.